

Redes sociais, identidade póstuma e o drama da morte

Eliane Delamar Roque¹

<https://orcid.org/0000-0001-6775-7188>

Resumo

O presente artigo refere-se a um estudo que pretende desvelar os elementos que norteiam a construção de identidade de um perfil póstumo nas redes sociais digitais: Instagram e Facebook. Como metodologia, estabeleceu-se a análise do perfil de Reginaldo Rossi, artista brasileiro, falecido em 2013. Para este artigo, foram consideradas apenas as características dos perfis, nas respectivas redes, que melhor se adequaram como instrumentos articuladores da discussão sobre construção de identidade. Concluiu-se que o uso de ferramentas de interação social para manutenção do luto ou memorialização exige cuidado, visando proteger o legado e a identidade do artista quando se propõe a, de alguma forma, reagregá-lo ao mundo dos vivos.

Palavras-chave: Mediatização; Redes sociais; Luto.

170

Social networks, posthumous identity, and the drama of death

Abstract

This article refers to a study that aims to reveal the elements that guide the construction of identity in a posthumous digital profile on social networks such as Instagram and Facebook. As a methodology, the profile of Reginaldo Rossi, a Brazilian artist who died in 2013, was analyzed. For this article, only the characteristics of the profiles, in the respective networks, that were most appropriate as articulating instruments of the discussion on the construction of identity were considered. It was concluded that the use of social interaction tools to maintain mourning or memorialization requires caution, in order to protect the legacy and identity of the artist when there is intent, in some way, to reincorporate him into the world of the living.

Keywords: Mediatization; Social Media; Grief.

Tramitação:

Recebido em: 02/09/2023

Aprovado em: 15/12/2023

Introdução

A globalização, por meio do avanço e disseminação de novas tecnologias que colocam em interconexão partes diferentes do globo, tem impactado questões relacionadas à construção e manutenção de identidades, sobretudo as culturais; que são afetadas por conjuntos de significados que produzem sentido a partir de sistemas de representação cultural diversos, deslocando, de certa forma, as “identidades nacionais” (Hall, 2006, p. 50) que, em algum momento, foram consideradas “centradas, coerentes, e inteiras” quando são, na verdade, uma costura de diferenças em uma única identidade. Hall (2006) descreve três

¹ Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (2020). Atualmente é doutoranda (ingressante em 2021), no curso de Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, na linha de Culturas da Imagem e do Som, e pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. E-mail: elianeroque@ufba.br





possíveis consequências do processo de globalização nas identidades culturais: desintegração das identidades nacionais, como resultado do crescimento da homogeneização cultural; recrudescimento das identidades nacionais (ou locais) como forma de resistência à globalização; declínio das identidades nacionais que abrem espaço para o surgimento de novas identidades *híbridas*. Sendo que esta última consequência afeta diretamente as relações com o espaço-tempo ao encurtar distâncias e os horizontes temporais.

Hall chama de “crise de identidade” nas sociedades modernas a fragmentação ou pluralização de identidades como parte de um processo de mudanças significativas nas questões relacionadas a gênero, etnia, sexualidade e nacionalidade desde o final do século XX. Esta crise vem deslocando “as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (2006, p. 7), impactando a percepção dos indivíduos sobre si mesmos no seu mundo social e cultural, já que aquilo que se supunha como fixo e estável é deslocado ou ressignificado pelas experiências. Esta pluralização anula, de alguma forma, a ideia de “identidade mestra”, única e abrangente na qual se possa, de forma segura, projetar todas as pautas e causas político-sociais.

Na prática, significa dizer que elementos estruturais, tais como a classe, não podem “servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas” (Hall, 2006, p. 20). Pois, novas lutas têm possibilitado a emergência de novas identidades ligadas a pautas de importantes movimentos sociais, tais como: o feminismo, a ecologia, a luta das pessoas negras. Então, o sentimento de se ver representado, que promove a adesão a determinada identidade, politizou-se e flutua, podendo ser adquirido ou perdido por “identificações rivais e deslocantes - advindas, especialmente, da erosão da ‘identidade mestra’ ligadas a questões estruturais como a classe (Ibidem, p.21).

Mas em que momento as teorizações de Hall encontram-se com o objeto deste trabalho? O processo de globalização, mencionado por Hall (2006), afeta a forma como os processos rituais fúnebres e de manutenção do luto são vivenciados. Já que inaugura uma nova forma de memorialização do falecido, por meio de perfis póstumos em ambientes digitais, e atravessada por outros artefatos rituais. São convocadas para o rito tantas pessoas, em momentos tão diferentes e de formas tão diversas, que, por vezes, tem-se a impressão de que a morte nunca aconteceu e a pessoa continua viva e atuante. Neste contexto, o processo

de manutenção do legado de um artista falecido, por meio do seu perfil póstumo, é imbuído de uma presença ativa que, por alguns instantes, dissimula a morte. Tais perfis têm como ponto de partida a identidade deste indivíduo e a transpõem para os ambientes digitais. Esta é a matéria prima para a produção da identidade póstuma por meio da performance e das imagens.

Este trabalho toma como base para a discussão algumas postagens disponíveis nos perfis do Facebook e do Instagram de Reginaldo Rossi, cantor brasileiro, falecido em 20 de dezembro de 2013. Este artigo corresponde a uma pequena parte da amostra que foi coletada para instrumentalizar análises de uma pesquisa de doutorado em Comunicação e Cultura, e serviram como elementos articuladores para caracterizar, neste contexto, os pontos mais relevantes em uma discussão sobre identidade póstuma digital. Ainda que o uso da palavra “digital”, não seja consequência de uma crença na ideia de que haja uma separação entre o digital e o não digital, trata-se de uma forma de demarcar esta outra dimensão das narrativas sobre o conjunto de elementos que caracterizam uma pessoa pública, de relevância e projeção nacional nos ambientes digitais.

O que pretendemos dizer com identidade?

A identidade de que tratamos aqui refere-se ao conjunto de elementos que originalmente circunscrevem uma existência por meio do gênero, etnia, orientação sexual, ideologias, classe; e elementos que foram criados ou encenados nas aparições dos artistas e integrados à sua identidade e que também envolvem características tidas como pessoais, mas revelam-se após a morte como sendo apenas performance. O que queremos dizer com isso é que, no período anterior aos ambientes digitais, para artistas com grande projeção nacional, já havia, de certa forma, uma vida que se mantinha em *off*, porque representava uma ameaça à identidade criada nos palcos ou na frente das câmeras. Então, quando falamos de identidade, no contexto desta pesquisa, protagonizada por sujeitos de reconhecimento nacional, tratamos dos elementos identitários que envolvem estas duas esferas da vida: privada e pública, porque na morte e na “interação mediada *on line*” (Thompson, 2018, p. 20), elas se misturam.

Poderíamos chamá-la de identidade *on line* como o avesso daquilo que chamamos *off line*, mas isto não se aplicaria adequadamente ao contexto desta pesquisa, porque entendemos que estas expressões informam um estado de conexão e não conexão, e partimos do princípio de que a identidade, uma vez criada, não pode ser desconectada, já que o perfil é animado





pelas interações, ainda que não humanas, da plataforma. Ou seja, não podemos apagar nossa existência do meio social onde fomos inseridos somente saindo de cena. No caso do ambiente digital, mesmo que estejamos *off line*, nosso corpo em imagem está ativo, exibindo-se, narrando, ensinando coisas, partilhando espaços de integração por meio das *trends* e *hashtags*.

O que é importante acentuar aqui é que, apesar de não haver uma separação entre digital e não digital, a forma como as experiências humanas são vivenciadas exige que se demarque suas dimensões. Principalmente, porque esse trabalho trata de interações no contexto do ritual — sistema culturalmente construído de comunicação simbólica, em que o conteúdo e as práticas são caracterizados em vários níveis pelos padrões e regularidades. Então, é importante ressaltar que, no contexto de práticas de expressão do luto e memorialização, certas performances esperadas moldam a ação, ainda que esta seja um *like* em uma foto de perfil.

Outra questão que acena para a necessidade de compreender o conceito de identidade, neste trabalho, como profundamente ligado às construções socioculturais, é o fato desta pesquisa ter como sujeitos pessoas muito específicas, conhecidas e legitimadas no contexto da cultura popular. Neste contexto, o perfil póstumo é a projeção de um indivíduo que não produz mais narrativas a respeito de si, mas ainda está de posse de uma identidade sujeita a atualizações e ineditismos, porque, ao ser mediada pelas redes sociais digitais, é reanimada pelas audiências que disseminam performances antes desconhecidas. Seja porque não havia meios de divulgá-las em massa, ou porque havia um interdito estabelecido pelo fato de a pessoa estar viva e capaz de refutá-la e/ou defender-se, dando sua versão final dos fatos.

De qualquer forma, a produção do perfil na rede social, que atua através de seus administradores de conta, tenta unificar as narrativas para estabilizar a identidade do falecido e deixá-la coerente com a representação que ele produziu durante toda a vida. Tentando criar uma espécie de “identidade oficial” do artista que sustenta e assina seu legado. Porém, o perfil póstumo em rede social digital, por meio da interação com os seguidores, admiradores e fãs, produz novas narrativas do indivíduo que representa e, por consequência, potencializa um processo de multiplicação (pluralização) de identidades. Principalmente, porque este tipo de perfil tem muito mais do “sujeito sociológico” (Hall, 2006) em sua identidade do que do “sujeito indivíduo”, da pessoa humana, pois não se trata mais de uma narrativa de si, autônoma e autossuficiente.

A identidade do perfil póstumo é produzida na interação e tem como arcabouço registros de imagem anacrônicos, usados, muitas vezes, para narrar o que não narravam. Então, estes elementos identitários ligados a outra época podem produzir outros sentidos a partir de sua aparência, de suas maneiras. Porque sua aparição nos ambientes digitais transita por outro cenário, sendo interpretado por outras noções sociais de sujeito. E é dessa forma que manter uma celebridade morta como um mito imortal nas redes sociais digitais pode não só promover sua segunda morte, como tirar dela o prestígio que construiu em vida. Visto que é comum o aparecimento de fragmentos identitários que acenam para a existência de outras identidades, de outras narrativas, desconhecidas pela família, pelos amigos e fãs.

Estas identidades insurgem mesmo depois da morte, porque elas também expressam as “mudanças estruturais e institucionais” a que Hall (2006, p. 12) se refere e que impactam, tornando mais provisório, variável e problemático, “o processo de identificação” através do qual, nós, viventes, projetamos nossas “identidades culturais”. Significa dizer que ao ser de alguma forma ‘ressuscitado’ pelas redes sociais, a pessoa pública, que no contexto deste trabalho está diretamente ligada a cultura popular, pode, através de seu perfil, e, em decorrência da variabilidade deste processo de identificação, ser produzido como um “sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2006, p. 12). Sua identidade parece tornar-se uma instalação móvel que é afetada e transformada pelos sistemas culturais que a rodeiam. Mas não seria isso uma ameaça ao legado?

A expressão narrativo-dramático-simbólica do luto

A expressão “narrativo-dramático-simbólica” (Riesgo, 2007) a que nos referimos é trazida da antropologia como uma forma que busca representar a realidade, capturá-la e dar sentido ao universo de coisas que integram natureza e sociedade em um argumento coerente. Ela é acionada aqui porque o tema da morte, no contexto desta pesquisa, está necessariamente envolto em questões culturais relacionadas a mitos, crenças, ritos e práticas religiosas. Nossa personagem foi sepultada em contexto religioso de ritualização fúnebre e, portanto, sua reintegração por meio das redes sociais aciona — implícita ou explicitamente — estas questões. No entanto, estas questões são completamente ignoradas pelo perfil, pois não falar sobre vida após a morte (alma/duplo/espírito) também faz parte da sua estratégia de performance, e nos interessa, já que produz um efeito sobre as audiências.





Quando falamos sobre perfis de pessoas falecidas, também estamos falando de um processo ritual secular de memorialização dos mortos, ou seja, não estamos tratando de práticas inauguradas pela revolução tecnológica. Os ritos investem contra a ideia de aniquilamento da história, da identidade, do legado diante da morte. Nas sociedades “onde o indivíduo sempre tem primazia, tudo já está separado conceitual e concretamente. Por causa disso, aqui o rito não divide, junta. Não separa, integra. Não cria o indivíduo, mas a totalidade” (Gennep, 2011, p. 20). Então, existe um processo social de ajuste à ausência que parece, de alguma forma, ser proporcional à quantidade de presença. Os artistas com grande projeção, quando morrem, tendem a mobilizar multidões em torno do luto que compreendemos aqui como um

[...] estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem mediante ritos de reintegração na sociedade em geral (ritos de suspensão do luto). Em alguns casos este período de margem dos vivos é a contrapartida do período de margem do morto. A terminação do primeiro coincide, às vezes, com a do segundo, isto é, com a agregação do morto ao mundo dos mortos (Gennep, 2011, p. 129).

Os ritos de separação do corpo previstos por Gennep e, no contexto cultural em que foram sepultadas as personalidades deste trabalho, envolvem cortejos e missas fúnebres, velório e sepultamento. Estes ritos se encontram, muitas vezes, diante de uma especificidade bem interessante, isto porque a separação desse corpo é sentida pelos fãs e admiradores a despeito do fato de que nunca houve uma real aproximação do corpo. O artista sequer foi conhecido pessoalmente (copresença), sendo a relação entre ele e seus fãs estabelecida por meio da fotografia, da televisão, do rádio e do cinema.

Nos importa falar sobre isso porque no contexto das ambiências digitais, este encontro com a materialidade da vida pode acontecer a partir da interação com os perfis póstumos que, por meio de suas narrativas, ressignificam o drama da morte. Reinventando o símbolo da vida, que parece não ser mais o corpo, nem a identidade, mas a imagem em agência: as fotografias e vídeos editados que contam novas histórias com um “novo” corpo, uma nova performance, convocando a novos dramas, mobilizando novos afetos. Promove-se uma expressão narrativo-dramático-simbólica do luto que parece manter o sobrevivente em estado de margem (luto) no qual entrou por meio de ritos de separação (sepultamento); do qual saiu por meio de ritos de

reintegração na sociedade em geral; e para o qual voltou — e permaneceu — mediante ritos de reagregação do morto ao mundo dos vivos, por meio de perfis póstumos.

Um exemplo disto pareceu-nos o perfil no Instagram da cantora Marília Mendonça, falecida em novembro de 2021, em decorrência de um acidente aéreo. A conta obteve mais de 3 milhões de seguidores menos de 24 horas depois da notícia de sua morte, passando de 37,1 milhões para 40 milhões. Sendo que, cerca de 18 meses depois, o mesmo perfil já tinha quase 42 milhões de seguidores. Ou seja, a conta não só conseguiu reter o número que havia obtido como ainda trouxe outros milhares de perfis para interagir com ela. Esses números referem-se a uma conta profissional, mas também produzida com o conteúdo de imagem pessoal de Marília.

Supõe-se que sejam novos admiradores que tiveram contato com o trabalho dela por conta da sua morte; ou que tenham sido atraídos pois foram afetados pelo drama da morte, que ressignifica sentidos, produzindo novas narrativas para o destino do ser humano arquitetado entre a vida e a morte.

Os novos seguidores se juntaram a outros que já acompanhavam a cantora por muito tempo, vinculados a ela pela afetividade. Muitas pessoas que acessam estes perfis certamente nunca estiveram no mesmo espaço que o corpo-carne que travestia a pessoa Marília, pois a experiência com esse corpo era renderizada pelas capturas em foto e vídeo. Ainda assim, a aproximação volumosa de pessoas ao perfil de Marília parece fazer parte do rito de separação e reagregação da falecida. E anuncia-se ali alguma espécie de narrativa-dramático-simbólica do luto para aqueles que sofrem com sua ausência, mesmo sem nunca ter, de fato, partilhado de sua presença.

O método

Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados deste trabalho ocorre no contexto de construção da tese de doutorado da autora e se estabeleceu nas seguintes plataformas: Facebook e Instagram. Para a coleta, elegemos três tipos de imagem do corpo de Rossi: vídeo, fotografia e arte escultural. Elas foram escolhidas por conta da intensa replicabilidade e/ou interação das audiências nos perfis. A amostra considerada válida foi aquela disponibilizada nos perfis de Rossi, nas redes sociais indicadas, veiculadas nos anos de 2018 a 2020. Foram descartadas da amostra as postagens que não figuravam o corpo – fotografado ou artisticamente reproduzido – do





cantor, tais como: frases sobre *template*, capas de disco (que a plataforma classificou como foto), trechos de música, frases, emojis, fotografias de fãs ou de outros artistas. Foram manipulados ao todo 2.014 itens e a amostra válida resultou em 1.255 imagens do cantor.

A coleta das imagens foi feita diretamente nos perfis de Rossi. A opção por essa busca direta deve-se ao fato de a pesquisadora ter interesse em acessar as imagens da mesma forma que um admirador do artista, ou seja, sem o recurso de softwares de coleta de informações em massa, e sim, simulando a experiência de alguém que transita pelos ambientes digitais à procura de informações que ajudem a conhecer ou recordar do artista e de seu trabalho. No contexto das redes sociais aqui elencadas, a coleta aconteceu através do *scroll*, ato de rolar a página da rede social. No caso desta pesquisa, até a data da primeira postagem, em 2018.

Procedimentos de Análise de Dados

Para a análise dos dados, estabelecemos três classes de correspondência que tentam responder à pergunta: como se estabelecem as relações com a identidade do falecido? Essa categorização foi criada para codificar e classificar as postagens (imagens + legenda) e considerou:

- (a) Tipo de imagem: original/editada;
- (b) tipo de contexto: original/manipulado;
- (c) tempo da legenda: passado/presente/futuro.

A primeira classe se refere às postagens que tenham (a) imagens originais; (b) contexto original; (c) legendas que remetem ao tempo passado. Essas postagens trazem a ideia de *memorialização* do falecido, por deixarem explícito no conteúdo de que se trata de alguém sem agência, de quem se fala.

A segunda classe se refere às postagens que tenham (a) imagens originais; (b) contexto manipulado; (c) legendas que remetem ao tempo presente. Essas postagens trazem a ideia de negação da morte ou de *imortalidade*, por deixarem implícito no conteúdo que se trata de alguém com agência, que fala.

A terceira classe se refere às postagens que tenham (a) imagens editadas; (b) contexto manipulado; (c) legendas que se situam no tempo passado e/ou presente e/ou futuro. Essas postagens trazem a ideia de *reexistência*, porque revelam alguém que tem agência e através de quem se fala. Projeta-se sobre os perfis de Reginaldo Rossi apenas a narrativa exógena, já que a identidade dele foi criada cinco anos após sua morte. E, portanto, os conteúdos são imagens do cantor legendadas, editadas ou adaptadas para alguma interação com os fãs, com as *trends*



(tendências, memes, TBTs); eventos (datas comemorativas); assuntos virais; ou pautas de militância criados sem a participação dele.

O corpo de Reginaldo Rossi, delimitado pelas fotografias, pelos *frames* de vídeo, pelos desenhos e pela imagem de sua estátua, demarca seu trânsito pelos ambientes digitais, imprime sua identidade, possibilita sua agência, atesta sua existência e confirma sua permanência. As redes sociais de Rossi são especialmente instigantes, sob a perspectiva de produção de identidade póstuma, porque foram criadas depois da morte do cantor. Então, Rossi não se viu interagindo mediado por estes perfis no Instagram e Facebook. Nunca leu os comentários em nenhuma de suas fotos, nem a eles reagiu com um emoji ou um *like*; não enfrentou *haters* (odiadores) e suas mais diversificadas formas de desqualificar uma imagem; não sentiu o assombro de muitos artistas ao se depararem com *stalkers* (perseguidores) que lhes acompanham por todos os rastros digitais; não baniu, nem bloqueou ninguém.

No contexto desta pesquisa, as interações também constroem a identidade e, por consequência, definem o uso desta ou daquela imagem, produzem recuos ou avanços, legitimam escolhas ou geram inseguranças, logo, impactam a diversidade e o tipo de conteúdo disseminado, bem como afetam a produção do “corpo” projetado nas ambiências digitais.

Os ritos de agregação

Gennep (2011, p. 129) informa que “durante o luto os vivos e o morto constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, de outro.” Os vivos saem desta “sociedade” mais rapidamente dependendo do vínculo de proximidade com o morto. O rito de agregação tenta ligar todos os membros de um grupo sobrevivente à corrente que foi quebrada pelo desaparecimento de um dos elos — no caso específico dos ritos que envolvem a personagem deste trabalho, pode ser uma missa ou um cerimonial fúnebre. E, na sequência, agrega o morto ao seu novo mundo e isto é feito por meio dos tabus que impedem qualquer relação com o falecido. Ou seja, não se recomenda a um enlutado que visite diariamente a sepultura de seu ente querido, sob argumento de que essa prática dificulta o processo de reintegração social do sobrevivente. Então, considerando Gennep, podemos compreender que luto é um fenômeno complexo que envolve mais do que um conjunto de tabus e práticas. Assim, outra questão que se coloca aqui nesta pesquisa é se o drama da morte, de alguma forma, no contexto dos perfis póstumos, perde sua sacralidade por

permitir que, de maneira reiterada, o mundo dos vivos e dos mortos se toquem mais do que o ritualmente recomendado.

Acreditamos que as práticas rituais possam ser mantidas e/ou transpostas para ambientes digitais, mas falamos nesta pesquisa sobre performance, com enfoque na experiência estética do luto; privilegiamos conhecer formas de participação na reintegração do falecido ao mundo dos vivos, por meio das imagens; considerando os perfis póstumos como um recurso ritual de manutenção do luto que, por conta da performance daqueles que partilham a experiência, fazem mais do que memorializar. Isto não significa dizer que igualamos a experiência de visita ao perfil à visita à sepultura, mas é preciso considerar que nos dois lugares o corpo não está mais lá e o diálogo com o morto se dará por meio de interfaces: ou da plataforma, ou do jazigo.

Perfis póstumos como prática comunicacional

Para entender a importância dos perfis póstumos como prática comunicacional que pode produzir semioses que afetam o sentido de finitude, uma estratégia utilizada — considerando que possa haver outras — foi compreender como se criam as narrativas em torno da imagem nas postagens do perfil. Partiu-se do princípio de que cada postagem é uma cena criada que convoca os seguidores à interação; que tem como cenário o espaço social digital produzido em torno da imagem; e que tem como personagens o falecido e todos aqueles que entram na cena para comentar, curtir e/ou compartilhar. Identificamos, no contexto das práticas de ritualização memorial da pessoa falecida, um perfeito *mise en scène* criado para emocionar, produzir engajamento e expurgar a morte.

A mise en scène da imortalidade

As postagens em rede social, comumente, parecem criar algo próximo a uma cena composta pelos seguintes elementos: a imagem da pessoa, a legenda e, em alguns casos, um texto na imagem que simula um diálogo com as audiências, como os balões dos quadrinhos. No caso de perfis póstumos, além disso, há pressuposta a ideia de que a produção das publicações do perfil deveria estar alinhada à representação em vida do artista para seu público, sob pena do perfil ser deslegitimado pelos fãs como suporte da identidade diante de incongruências. Então, colocavam-se em disputa duas dimensões do conteúdo: a cena, criada para engajar; e a identidade, mantida para proteger o artista e seu legado. Em ambos os casos, tínhamos compreensão de que havia uma grande participação das audiências, por meio das



interações possíveis dentro da plataforma. Desta forma, materializaram-se dois importantes elementos que envolveram a produção da publicação: o processo de construção da cena e de proteção do legado e da identidade do artista. Conectados, estes elementos produziram um espaço de dramatização da vida que liberou a energia social necessária para a animação do perfil, o que, no contexto da plataforma, pode ser chamado de engajamento.

Essa movimentação em torno das imagens nas publicações dos perfis que dão conta de fazer a manutenção de uma representação social construída em vida pelo artista nos remeteu à “fachada social” de Goffman (2002), que consiste em uma série de elementos pelos quais uma pessoa transmite a outros atributos de identidade coerentes com a impressão que deseja causar, seja no âmbito da performance ou da indumentária. Porém, percebeu-se que, pelo fato de a pessoa do perfil estar morta, também estavam implícitos, nesta representação, alguns elementos que nos remeteram à linguagem do cinema: o apelo à fidelidade figurativa, a mimese e a ilusão de realidade para contar histórias, além do uso da imagem como um mecanismo para promoção de afetividades (Oliveira Jr, 2014, p. 15). Então, ficou claro que os perfis buscavam uma aparição “encenada”. Porque tratava-se, afinal, do artista que reaparecia para seus fãs e tentava atrair novos seguidores.

Logo, essa imagem digital parece estar livre de validação como representação da verdade. O que nos permite concordar com Borges Júnior quando diz que:

A imagem digital parece não depender, para operar e sensibilizar, de uma inscrição no “fatural” e, por isso, a sua força como imagem talvez resida justamente para além do que graficamente nos apresenta: aquilo que nos “mostra” pode ser bastante distinto daquilo a que pode nos conduzir ou daquilo que pode nos fazer sentir. A partir de um descolamento em relação à “faturalidade” e de sua assunção como superfície de concorrência de afetos, a imagem digital adquiriria uma importante capacidade de disseminação (Borges Júnior, 2020, p. 14).

Porém, ainda havia uma outra questão, as audiências podiam interagir com a cena a ponto de produzir intervenções na narrativa. Trazendo para dentro dela novas questões, narrativas, informações, observações, significados, enfim, uma série de novos elementos que nos estimularam a apostar na existência de um jogo sensível, que agenciava afetos para produzir a sensação de *imortalidade* da pessoa falecida. Esta configuração da cena no espaço social das redes sociais digitais, convidava as audiências para dentro deste jogo, o público que aceitava adentrar a cena por meio das interações, automaticamente, passava a compor a *mise*



en scène, tornando-se dela personagem. E é por isso que, no contexto desta pesquisa, as interações foram analisadas como um diálogo da publicação, mas também como textos da cena. Porque elas produziram importantes reenquadramentos nas narrativas propostas pelos perfis.

Interface social

O processo de construção de representação de si nas redes sociais digitais envolve preocupação — com a apresentação do próprio corpo nas postagens, nas marcações, nas fotos de perfil — adequada à interface da plataforma e à cultura social que se estabelece nela. Revelando que há, também nestes espaços, uma performance esperada para cada ocasião e que o rompimento com certas práticas pode gerar ruídos que comprometem a legitimidade ou a integridade da identidade do perfil. É importante salientar que, no contexto dos perfis póstumos, estamos falando de duas faces da mesma identidade: uma construída antes da morte pela pessoa, e outra mantida depois da morte pelo meio social (família, amigos, fãs). Por conta disso, consideramos continuar a teorizar com Goffman para falar sobre esse primeiro momento de construção da fachada que, certamente, foi produzido em vida por nossas personagens, e que impactou na manutenção desta mesma fachada — ou na construção de outras — após a morte.

Para Goffman (2002, p. 30 e 31), a fachada pessoal “é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” e composta por três elementos importantes: o cenário, as maneiras e a aparência, que são veículos de transmissão de sinais para compor a impressão que se deseja provocar no interlocutor. Aparência comporta elementos de indumentária e características etárias, raciais e de gênero; o cenário é o lugar adequado para a representação; as maneiras seriam os indícios que informam papéis no momento da interação. As maneiras costumam ser coerentes com outros elementos da fachada como o cenário e a aparência, visando o sucesso no esforço de impressionar o interlocutor e representar adequadamente o papel proposto. Elas se expressam através do modo que se executa a ação, por exemplo, de modo arrogante ou humilde.

Esse é um dado bem interessante sobre os estudos de Goffman, porque estas categorias estabelecidas para compor as maneiras, a aparência e o cenário parecem generalidades, mas se mostram subjetivas quando encontram audiências com diversidades culturais. Isto porque sentidos contrários podem esbarrar-se quando convocados a interagir no mesmo espaço

semiótico, situação comum nas redes sociais digitais. Há situações em que, por exemplo, o sentido de humildade pode ser interpretado como arrogância com base no viés cultural de quem interage com a postagem. No face a face esta possibilidade também existe, mas nos ambientes digitais ela é quase completamente certa, por conta do alcance do conteúdo disseminado.

Decorre disso o fato de que é preciso cuidado na manutenção dos perfis póstumos que interagem em ambientes digitais, e o gerenciamento de impressões que protege a fachada social parece ser um bom mecanismo. Porque a fachada social ainda existe, e é ela quem protege o legado do artista. E para sustentar a ideia de que, mesmo após a morte, ele ainda é uma pessoa, produzir um corpo torna-se importante, pois nele serão ancorados muitos elementos identitários. Nos ambientes digitais, o corpo não foi completamente abandonado ou tornou-se irrelevante, ao contrário, parece haver um olhar mais atento para ele e para a produção de suas performances, cenários e personagens. Porque parece ser ele a referência primeira para o estabelecimento de narrativas a respeito da identidade por meio da imagem. Sendo a imagem o veículo sógnico privilegiado (mas não exclusivo) destes elementos.

Cena

Está estabelecido que, nos ambientes digitais, o falecido é resgatado por meio da produção de uma cena criada a partir dos rastros ou registros digitais em forma de imagem. Os perfis póstumos manuseiam a nostalgia ao misturar elementos antigos com performances inéditas do falecido, produzindo um cenário favorável para a dramatização do pós vida. A cena criada pela imagem em ação também é afetada pelos assuntos do momento: as *trends* que indicam tópicos em alta e que podem ser indexados por *hashtag* (#) para facilitar a disseminação e o acesso ao conteúdo. Três importantes funções ocupam as *trends* no contexto desta pesquisa: elas roteirizam a ação por meio de um texto explícito ou implícito; facilitam a aparição do perfil; e possibilitam o enquadramento da imagem variando o ponto de vista sobre ela. A fotografia ou vídeo utilizado para composição da cena traz consigo um cenário que é suspenso para que a narrativa imagética seja adequada à *trend*. Dessa forma, o perfil pode simular performances inéditas do artista falecido, criando uma postagem em que ele opina sobre uma situação que não viveu, como aconteceu inúmeras vezes na pandemia. Reginaldo Rossi era visto performando sob a Hashtag (#): *fiqueemcasa*, sem nunca ter vivido o contexto pandêmico que atingiu o planeta e, portanto, sem deixar registro digital com essas interações. Ele pode também desejar feliz Natal sete anos após a sua morte (figura 1).



Figura 1 – Captura de tela da postagem em alusão ao Natal no perfil de Reginaldo Rossi no Facebook em 24 de dezembro de 2020.



Fonte 1- Perfil de Reginaldo Rossi no Facebook em outubro de 2022.

O que observamos é que no contexto da edição das imagens, inúmeras vezes o fundo é retirado, deixando o corpo do artista suspenso em meio a um nada, e propício a um duplo sentido que o adapta bem a inúmeras narrativas e cenários. Por outro lado, existem na imagem indícios de pertencimento visíveis na indumentária, na performance corporal, no linguajar, nas ideias que revelam que aquele artista se assemelha a outro tempo. A crença que a cena parece querer produzir é a de que a semelhança não determina o pertencimento porque o artista foi eternizado, e agora pode, com seu corpo-imagem, flutuar entre as épocas sem ser, por isso, perturbado. Diante disto, percebemos que os anacronismos são importantes estratégias para produção de narrativas no sentido de que produzem nova memória a partir de memórias antigas, tornando contemporâneo um pensamento e ação que não pertencem a esse tempo. Transcendem a ideia de remontagem porque não esvaziam completamente de sentido a primeira versão do registro que consideramos, de alguma forma, parado no espaço-tempo porque é a forma figurada de um corpo que não existe mais.

Aparição

O Instagram e o Facebook recomendam que as pessoas usem, para produção do perfil, seus nomes reais, mas ainda não exigem uma fotografia em que figure a pessoa. Porém, essa parece ser uma exigência das audiências que evitam interagir com perfis sob suspeição e que

remetam a ideia de *fakes*². Perfis sem fotografia ou com imagens em que não figura a pessoa parecem ser do tipo que geram dúvida sob sua legitimidade. Então, autorrepresentar-se por meio de uma fotografia parece fazer parte do rito de criação da identidade nos sites de rede social. E, neste contexto, a imagem com a figura da pessoa parece ser o que circunscreve aquilo que tomaremos como referente de corpo, ou seja, há uma regularidade na construção dos perfis pessoais nestas redes: a necessidade de imagens que representem a pessoa mantenedora daquele espaço de disseminação de conteúdo.

Estas imagens são usadas para criar muitas narrativas que pretendem configurar uma identidade composta de vários elementos privados e que precisarão ser readequados para transitarem como índices em áreas de domínio público. Van Dijck acena para uma profunda mudança que se estabelece por meio das mídias sociais e está relacionada

[...] aos atos de fala casuais que se transformaram em inscrições formalizadas, que, uma vez inseridas na economia mais ampla de públicos mais amplos, assumem um valor diferente. Enunciados anteriormente expressos de forma improvisada agora são liberadas em um domínio público, onde podem ter efeitos de longo alcance e duradouros. As plataformas de mídia social alteraram inquestionavelmente a natureza da comunicação privada e pública³ (Van Dijck, 2013, p. 07).

Neste contexto, o uso das redes sociais para interação com os artistas e pessoas públicas é um diferencial próprio da contemporaneidade que, nestes ambientes, disponibiliza ferramentas de interação social que produzem a sensação de copresença diária com o ídolo e de um possível acesso à sua intimidade. Os artistas se comunicavam na década de 1980 com seus fãs por cartas entregues pelo correio, ou em shows ao ar livre, ou em estúdios televisivos e/ou de radiodifusão. A aproximação máxima com um ídolo era uma fotografia e/ou um autógrafo que, muitas vezes, era emoldurado e sacralizado por representar um pouco de sua intimidade. Agora, o ídolo aparece em uma profusão de fotografias e vídeos dos mais variados e que permitem uma visão do seu corpo a partir de vários ângulos, performances, indumentárias, humores. E é assim, que as redes sociais simulam uma intimidade que afeta diretamente a produção de subjetividades, de laços, de lugares; porque, de alguma forma,

² Perfis falsos.

³ Tradução nossa para: “*speech acts have turned into formalized inscriptions, which, once embedded in the larger economy of wider publics, take on a different value. Utterances previously expressed offhandedly are now released into a public domain where they can have far-reaching and long-lasting effects. Social media platforms have unquestionably altered the nature of private and public communication.*”





colocam o artista em relação de simetria com os fãs. Todos estão no mesmo lugar, acessando os mesmos recursos de interface, gerenciando suas intimidades e “vestidos” com a mesma “pele”: a de imagem. São o que o teórico Axel Bruns (apud Van Dijck, 2013, p. 11) chamou de “*producers*” (⁴*producers + users*): criadores que também são usuários e distribuidores.

No contexto desta pesquisa, existe outro elemento importante e característico das redes sociais, ele impulsiona a aparição dos usuários, e, portanto, do artista falecido, e pode colocá-los em relação de simetria. Trata-se da sequência de instruções que o software executa para oferecer uma navegação adequada ao usuário e que comumente é chamado de algoritmo. Para reconhecer o que as pessoas querem e gostam, “o Facebook e outras plataformas rastreiam desejos, codificando relacionamentos entre pessoas, coisas e ideias⁵” e assim de certa forma, manipulam (induzem) conexões (Van Dijck, 2013, p. 12). E é assim que muito conteúdo, associado às imagens do artista será entregue a qualquer pessoa que, em algum momento, demonstre à plataforma (através da navegação) interesse nele. Também é assim que o artista concorre pelo engajamento da mesma forma que os fãs.

Em razão disso, o algoritmo — como prática e não como coisa — é percebido, nesta pesquisa, como responsável por afetar a produção do conteúdo disseminado nos perfis. Porque objetiva-se o engajamento, mas as curtidas, compartilhamentos e comentários só acontecerão se o perfil e as postagens ficarem visíveis para as audiências sensíveis a eles. É claro que consideramos a possibilidade de o perfil impulsionar conteúdos, ou seja, disseminar para um número maior de pessoas por meio do anúncio pago, mas, ainda assim, a reação a eles não será compulsória. Ou seja, o alcance da publicação será garantido, o engajamento nele não. Neste sentido, “o significado de ‘social’, portanto, parece abranger tanto a conectividade (humana) quanto a conectividade (automatizada)⁶” (Van Dijck, 2013, p. 12).

Isto exigirá do administrador da conta criatividade para promover engajamento, envolvendo públicos diferentes em uma mesma narrativa. E, é nesse momento que precisamos lembrar que estamos falando de identidades de pessoas públicas, com notório reconhecimento social, falecidas e reintegradas em processos rituais de memorialização, por meio das

⁴ Do inglês: produtores + usuários.

⁵ Tradução nossa para: “Facebook and other platforms track desires by coding relationships between people, things, and ideas.”

⁶ Tradução nossa para: “The meaning of “social” hence seems to encompass both (human) connectedness and (automated) connectivity.”



ambiências digitais. O que, supõe-se, torna o trabalho de engajar ainda mais difícil. Porque não se pode colocar em risco o legado ao gerenciar de maneira inadequada a aparição.

Considerações Finais

Duas dimensões são abertas quando começamos a conhecer os bastidores (Goffman, 2002) da produção de páginas nos ambientes digitais: a primeira, memorial que convoca as afetividades em torno da pessoa falecida; e a segunda, cenográfica que convoca o envolvimento do público. E neste contexto, a identidade do artista tenta ser ajustada à compreensão e às expectativas da rede em que está sendo inserida. Considerando que a representação é a atividade de um indivíduo diante de um grupo que tem sobre esta alguma influência (Goffman, 2002). Pode-se dizer que a identidade de artistas falecidos, projetada por meio das páginas e perfis em redes sociais, diante de suas múltiplas audiências nos ambientes digitais, exige do administrador muito mais padrões objetivos de personificação desta figura. É necessário precisão ao se comunicar com os seguidores por meio de elementos prescritores de identidade, principalmente, no que se refere à performance. Já que, a identidade construída no ambiente digital deverá estar revestida de meios eficientes que possibilitem exibi-la e validá-la.

Nesse sentido, a identidade do artista prolongada para o ambiente digital será produto de uma relação dialógica, resultante da exposição para audiências prováveis e improváveis, já que parece haver — a despeito de todas as ferramentas oferecidas pelas redes — uma impossibilidade de controle exclusivo do administrador na construção de narrativas identitárias, já que estas passam a ser produzidas e socializadas também pelos outros. Então, nesse “palco” (Goffman, 2002) compartilhado com audiências múltiplas, prováveis, improváveis, conhecidas ou não, vários dramas humanos serão desenrolados, dentre eles, o luto. E, deste, poderão surgir identidades póstumas que não serão nem a representação da presença do artista, nem da manutenção de sua memória. E a questão central que se coloca neste artigo é a de que estas identidades póstumas revelam como os dualismos (Döveling, Harju e Sommer, 2018) verdadeiro/falso, virtual/real, morto/vivo podem ter limites turvos que afetam a ideia de finitude.

Referências



Manuscrito licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_B

Relem, Manaus (AM), v. 16, n. 26, jan./jul. 2023.



RELEM – Revista Eletrônica Mutações
©by Ufam/Fic/Icsez

BORGES JÚNIOR, Eli. **Acerca do Estatuto da Imagem nas Redes Digitais: Notas a Partir de um Levante Político.** Comunicação & Informação, Goiânia, GO, v. 23, p. 1-18, 2020.

DIJCK, José van. **Chapter 1 - Engineering Sociality in a Culture of Connectivity** in the culture of connectivity: a critical history of social media. Oxford University Press. New York, NY.

DÖVELING, Katrin; HARJU, Anu A. and SOMMER, Denise. **From Mediatized Emotion to Digital Affect Cultures: New Technologies and Global Flows of Emotion.** Social Media + Society January-March 2018: 1–11

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem.** 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** The Presentation of Self in Everyday Life. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 10ª Edição. Petrópolis, Vozes, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA JR, Luiz Carlos. **Parte 1 - Tudo está na mise en scène** in A mise en scène no cinema: do clássico ao cinema de fluxo. Papyrus Editora. 2014. Edição do Kindle.

RIESGO, Manuel Fernandez del. **Antropologia de la Muerte.** [livro eletrônico]. Madrid, Espanha. 2007. Edição do Kindle.

THOMPSON, John B. **A interação mediada na era digital** - Mediated interaction in the digital age. V.12 - Nº 3 set./dez. 2018 São Paulo - Brasil. JOHN B. THOMPSON p. 17-44 17.

